

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

HALLDÓR LAXNESS

GENTE INDEPENDENTE

«O livro do século.»

The Independent



cavalo de ferro

Nota sobre a pronúncia de caracteres islandeses

A letra Æ (minúscula æ) deve ser lida da seguinte forma: Ægir = Aegir

A letra Ð (minúscula ð) deve ser lida da seguinte forma: Dúða = Dúda

A letra Þ (minúscula þ) deve ser lida da seguinte forma: Þorri = Thorri

**O COLONIZADOR
DA ISLÂNDIA**

Kólumkilli

Crônicas islandesas contam que em tempos viviam neste país homens vindos de oeste, que deixaram para trás crucifixos, sinos e outros artigos que tais, utilizados em práticas de feitiçaria. Em fontes latinas estão registados os nomes daqueles homens que das ilhas a oeste navegaram até cá nos primórdios do papado. O seu líder chamava-se Kólumkilli, o irlandês, um conhecido feiticeiro. Naquela altura a terra na Islândia era extremamente fértil. Mas quando os noruegueses se instalaram aqui, os feiticeiros do Oeste deixaram o país, e registos antigos dizem que, para se vingar, Kólumkilli amaldiçoou os novos habitantes, rogando que eles nunca ali gozassem de prosperidade, o que mais tarde veio a tornar-se realidade. Muito mais tarde, os noruegueses na Islândia deixaram a sua fé para se entregarem aos cultos de povos estranhos. Nessa altura tudo ficou às avessas, os deuses noruegueses eram escarnecidos e outros deuses e santos foram adoptados, alguns do Leste, outros do Oeste.

A história conta que naquele tempo ergueram, em honra de Kólumkilli, uma igreja no vale onde mais tarde ficou a quinta *Albogastaðir*, uma charneca onde outrora se fixou a residência oficial do governador. Jón Reykdalín, o administrador de *Útirauðsmýri*, juntou muitos registos sobre esse vale pantanoso, referindo-se o último ao abandono da quinta em consequência das aparições fantasmagóricas no ano de 1750. O próprio administrador fora testemunha ocular e ouvinte de alguns episódios absurdos que por aí se passaram, como é relatado no seu conhecido registo sobre o Terror de *Albogastaðir*. Podia ouvir-se o fantasma discursar alto dentro do edifício, desde meados do Porri¹ até depois do Pentecostes, altura em que as pessoas

¹ Nome do mês do calendário islandês antigo que se iniciava em meados de Janeiro e terminava em meados de Fevereiro. [N. T.]

o iam abandonando; por duas vezes, junto dos ouvidos do administrador, mencionou o seu nome, além de responder às outras questões, como relata o administrador, com «vergonhosos versos em latim e obscenidades embaraçosas».

A história desta quinta, que muito célebre se tornou, remonta aos tempos longínquos antes dos dias do administrador Jón, e não seria de todo inoportuno recapitulá-la para prazer daqueles que possam viajar pela beira dos caminhos ao longo do rio, onde os séculos estão deitados lado a lado em carreiros verdejantes deixados aleatoriamente pelos cavalos de outrora, e ainda visitar o velho outeiro da quinta situada na charneca enquanto atravessam o vale.

Perto do fim do episcopado de Dom Guðbrandur, um casal habitava Albogastaðir, na charneca. Não havia qualquer registo do nome do esposo, mas a sua mulher chamava-se Gunnvör ou Guðvör. Dizem que era uma mulher de grande porte, dada aos saberes antigos, e de personalidade múltipla, controlando até ao extremo todos os passos do seu esposo. Ele, por sua vez, era por todos considerado um grande imbecil.

No início do casamento o casal não gozava de prosperidade e tinha poucos caseiros. Diziam as pessoas que, assim que o número de filhos e a pobreza aumentavam, a mulher obrigava o marido a pegar nos recém-nascidos e deixá-los ao relento. Alguns eram postos nas montanhas debaixo de grandes calhaus e ainda hoje, no princípio da Primavera, quando a neve das montanhas começa a derreter, pode ouvir-se o choro destes bebés. Outros foram amarrados com pedras e afogados no lago, e em meados do Inverno, quando há luar, pode ouvir-se o seu choro vindo do lago especialmente quando há geada e antes de temporais.

Reza a história que, à medida que a senhora Gunnvör fora ficando mais velha, começara a desejar veementemente sangue humano. Apetecia-lhe igualmente medula humana. Assim, dizem que ela terá recolhido o sangue dos próprios filhos, daqueles que tinham sobrevivido, e que o ingerira com sua própria boca. Mandou erguer um palanque para bruxaria nas traseiras da quinta onde, envolta em fogo e fumo, nas noites de Outono cantava para o diabo de Kólumkilli.

Diz-se que a certa altura o esposo quis fugir para contar a todos os camponeses as maldades da mulher, mas ela perseguiu-o e apoderou-se dele no cimo do espinhaço de Rauðsmýri, apedrejou-o até

à morte e mutilou os restos corporais. Levou os ossos dele para dentro do seu palanque, mas deixou a carne e os órgãos internos para os corvos comerem, e fez saber pelo distrito que o homem tinha morrido enquanto andava pelas montanhas à procura das ovelhas.

Mas a partir daí a senhora Gunnvör começou a enriquecer, e as pessoas pensavam que seria graças ao seu vil acordo com Kólumkilli, e depressa se tornou dona de bons cavalos.

Naquele tempo, os viajantes atravessavam com frequência o distrito, tanto no Inverno, quando os homens iam para o mar junto do glaciar Jökull, como na Primavera, quando lá iam doutros distritos para adquirir peixe seco. Mas com o passar do tempo os conterrâneos começaram a comentar entre si que a simpatia de Gunnvör para com os viajantes não aumentava na mesma medida que o seu número de cavalos. E embora fosse uma mulher que, conforme se praticava naquele tempo, ia regularmente à igreja, era mencionado nos Anuários que nem com tempo límpido no próprio Domingo de Pentecostes ela via o Sol após a missa na igreja de Rauðsmýri.

Dito isto, começavam agora a surgir rumores sobre o destino do seu esposo e ainda acerca de ela matar homens, uns por dinheiro, outros por causa do sangue e da medula, mas também por andar no seu cavalo pelas montanhas a perseguir outros. Acontece que em Albogastaðir existe um lago estagnado no lado sul do vale, não muito longe da quinta, chamado Ígulvatn, um nome que ainda hoje se mantém. A mulher costumava, no decorrer da noite, matar os convidados atacando-os com uma espada curta enquanto dormiam. Em seguida mordia-lhes a garganta e cortava-lhes os braços e as pernas, cujos ossos serviam para fazer brinquedos para ela e o infame Kólumkilli. Persegue outros pela charneca e depois atacava-os com a sua espada, e a imponente lâmina brilhava enquanto ela punha fim à vida destes homens. Possuía forças iguais às de muitos homens, além de ter o apoio do Diabo para a execução dessas tarefas. Ainda é possível ver coágulos de sangue na neve ao cimo do espinhaço, especialmente quando se aproxima o Natal. Mas as carnes putrefactas acarretava-as ela vale adentro, atava-as a uma pedra e afundava-as no lago. Depois apoderava-se da bagagem dos seus convidados, vestimentas, cavalos e dinheiro, caso houvesse algum. Os filhos dela enlouqueceram todos e no cimo do telhado ladravam como cães, ou ficavam sentados à entrada com ar de imbecis e sorrisos

cretinos, mordendo os homens; o demónio tirara-lhes a fala humana e o bom senso. É por isso que ainda hoje no distrito, nos dois extremos da charneca, se cantam à noite para as crianças estes versos:

Em casa de Gunnvör não pernoita
Ninguém bem trajado,
Em Igultjörn ela os afoga
E lá lá lá lá.
No rasto corre sangue e
Eu embalo-te, bebé.

Em casa de Gunnvör não pernoita
Ninguém que tenha cavalo,
Belo é o cintilar da sua espada
E ao ataque.
No rasto corre sangue
E eu embalo-te, bebé.

Em casa de Gunnvör não pernoita
Ninguém que tenha sangue humano,
Ninguém com medula óssea
E lá lá lá lá.
No rasto corre sangue
E eu embalo-te, bebé.

Em casa de Gunnvör não pernoita
Ninguém que Deus tem,
Ela partiu a minha costela, a clavícula e o meu pulso
Para se empanturrar.
No rasto corre sangue
E eu embalo-te, bebé.

Caso acredites no Kólumkilli,
Assim ele dirá:
Medula e sangue, medula e sangue e dódódó.
No rasto corre sangue
E eu embalo-te, bebé².

2 A poesia tradicional islandesa sacrifica, muitas vezes, relações gramaticais e lógicas em prol da rima e efeitos sonoros. Nesta tradução procurou conciliar-se essa tradição sem, contudo, tornar o significado demasiado obscuro ao leitor. [N. T.]

Aconteceu que, por fim, se descobriram as maldades da senhora Gunnvör, que tinha então causado a morte de muitos homens, mulheres e crianças, além de que cantava à noite para o vil Kólumkilli. Foi julgada e condenada na Assembleia Distrital, os seus ossos partidos no portal da entrada do cemitério circunstante à igreja de Rauðsmýri no Domingo da Trindade. Ainda lhe amputaram os membros superiores e inferiores e por fim a sua cabeça foi cortada. No entanto, enfrentou bem a morte, rogando estranhas pragas aos homens. Juntaram o corpo, a cabeça e os membros dela e meteram tudo dentro dum saco de couro, que arrastaram até ao cimo do espinhaço a leste de Albogastaðir e enterraram-no no pico. Ainda nos nossos dias se pode ver o seu dólmen, verdejante a toda a volta, ao qual ultimamente chamam o dólmen da Gunna. Dizem que se um viajante, ao passar pelo espinhaço, atirar nessa primeira ocasião uma pedra em direcção ao dólmen se livrará de azares, e alguns cada vez que passam por ali atiram pedras a este dólmen procurando obter protecção e paz de espírito.

Mas apesar de a senhora Gunnvör ter sido irrequieta durante a sua vida mundana, a sua infame conduta acabou realmente por ser superada após o seu enterro; descansava pouco na sua sepultura e muitas vezes aparecia nos seus antigos aposentos. Reanimava alguns daqueles homens que tinha morto, além de mulheres e crianças, e as pessoas que viviam em Albogastaðir tinham pouco descanso uma vez instalada a balbúrdia ao cair da noite. Ela prosseguia com as suas práticas, atormentando os vivos e os mortos, e assim, ao anoitecer, podiam ouvir-se dentro da quinta altos gritos e uivos, como se um bando de almas agoniadas se lamuriasse no telhado e nas janelas por causa das suas grandes misérias e pouca paz. Às vezes era como se da terra emanasse um fortíssimo fedor a enxofre, cuja irrupção invadia a quinta de modo que as pessoas se sentiam sufocadas enquanto os cães ladravam como se estivessem enraivecidos. Outras vezes, à noite, Gunnvör cavalgava em cima do telhado com tanta violência que a madeira estalava, e por fim concluiu-se que nenhum edifício seria suficientemente seguro para aguentar os seus maus tratos e aquelas vergonhosas cavalgadas nocturnas. Pendurava-se nas costas dos homens e saltava por cima do gado, esmagava vacas, enlouquecia mulheres e crianças, assustava idosos e não se rendia nem perante a cruz, nem com magia. Reza a história que, por fim, pediram ao padre de Rauðsmýri que viesse para a esconjurar e que, perante

tão admirável sabedoria, ela fugira para a montanha, rachando-a no cimo onde agora pode ser avistada uma fissura. Alguns pensam que ela passou a habitar na montanha, e sendo assim não é improvável que tenha assumido a forma de um *troll*³. Outros são da opinião de que ela passa muito tempo no lago tendo tomado a forma de uma espécie de serpente ou monstro aquático, sendo do conhecimento geral que até hoje ali viveu um monstro, durante várias gerações, e apareceu perante inúmeras testemunhas sob juramento, até daqueles que são videntes e vêem os mortos. Alguns dizem que este monstro demoliu por três vezes a quinta de Albogastaðir, outros afirmam que foi sete vezes, até que nenhum lavrador foi capaz de se aguentar mais ali e a quinta foi entregue ao abandono devido aos frequentes distúrbios de fantasmas sob várias formas. Durante o tempo do governador Reykdalín foi definitivamente anexada às terras de Rauðsmýri, primeiro como estábulo para as ovelhas durante o Inverno – daí provém a mais recente designação de Casas de Inverno –, mas depois como curral para cordeiros.

2

A terra

Em cima dum pequeno monte na charneca estão os restos duma antiga quinta.

Talvez esse monte não seja, num sentido estrito, mais que uma obra da natureza, talvez tenha sido obra de lavradores há muito falecidos que construíram aqui as suas quintas nas margens verdejantes do riacho, geração após geração, umas por cima das ruínas das outras. Ainda hoje continua a existir um curral para cordeiros, ali, onde há séculos se ouviram ovelhas e crias a balir durante cem primaveras. Afastados do monte e do curral, especialmente para sul, estão espalhados prados amplos com ilhotas de urze, e através do espinhaço de Rauðsmýri corre um pequeno riacho e outro do lago para leste, pelos vales da charneca oriental. A norte do monte eleva-se uma montanha íngreme, as suas encostas estão marcadas por

3 Figura sobrenatural de aspecto grotesco que habita nas montanhas e incute temor no mundo dos homens. [N. T.]

derrocadas e nas fendas existem relevos cobertos de urze. Das derrocadas elevam-se imponentes rochas escarpadas, e num certo lugar por cima do curral a montanha está rachada, tem uma fenda no basalto e desta irrompe na Primavera uma cascata comprida e fina. E às vezes o vento de sul sopra na cascata, pulveriza a água para cima da borda da montanha e parece que a queda de água corre para trás. Debaixo da montanha estão pedregulhos espalhados por todo lado. Este curral relvado, na charneca onde outrora esteve a quinta Albogastaðir, era conhecido pelas gerações antigas como Casas de Inverno.

Um pequeno riacho que nunca seca, corre pelo curral abaixo, através do relvado, em semicírculo, límpido e frio. No Verão os raios solares brincam na sua corrente alegre, e a ovelha está deitada mastigando nas margens com uma das patas dianteiras estendida em direcção ao relvado. Em momentos como este o céu fica azul. Então, brilhantes raios de sol cintilam no lago dos cisnes e no rio das trutas que corre serenamente pelo prado, o brejo e o prado emitem uma alegria contínua e silenciosa.

O vale está rodeado por espinhaços e charnecas. No lado ocidental existe um estreito espinhaço, e a quinta mais próxima daí é Útiraúðsmýri, Rauðsmýri ou Mýri, a residência oficial do governador distrital, a quem tem pertencido até agora este vale pantanoso. Mais adiante estendem-se terrenos vastos e povoados. Pela charneca ocidental, onde está talhado um caminho que vai dar à vila situada no fiorde, estima-se que a jornada dum bando de cavalos com carga levará cinco horas. A sul erguem-se do vale charnecas baixas e onduladas que se vão elevando até que as Montanhas Azuis encerram o horizonte, e é como se as montanhas se fundissem com o céu numa elevada iluminação, onde raramente a neve desaparece antes do solstício de Verão. E o que existe para lá das Montanhas Azuis? A paisagem desértica do país.

E as brisas primaveris sopram pelo vale.

E quando as brisas primaveris sopram pelo vale; quando o sol da Primavera brilha na relva amarelada das margens do rio; e no lago; e nos dois cisnes brancos deste lago; e incita a erva a brotar dos solos húmidos, — quem havia de acreditar que este sereno vale verdejante englobasse a história das nossas vidas passadas e dos seus espectros? Pessoas andam a cavalo por ambas as margens do rio, onde durante

séculos cavalos de tempos passados pisaram caminhos num terreno extenso, e com o Sol a brilhar a brisa fresca da Primavera sopra pelo vale adentro. Nestes dias o Sol é mais forte do que o passado.

A nova geração esquece os fantasmas que possam ter atormentado os antepassados.

Quantas vezes foi a quinta de Albogastaðir, na charneca, demolida por fantasmas? E de novo reconstruída, apesar dos fantasmas? Século após século chega um caseiro solitário vindo da região periférica à procura da sua sorte nesta charneca entre o lago e a racha na montanha, decidido a desafiar as forças ocultas que têm mantido a terra cativa, exigindo o seu sangue e a sua medula. Vezes sem fim o caseiro solitário inicia o seu cântico, sem respeito pelas forças que têm o direito de reivindicar os seus membros e reger o seu destino até ao último suspiro. A história dos séculos neste vale é a história dum homem independente que luta de mãos vazias contra espectros sempre novos e de diferentes nomes. Às vezes o espectro é uma espécie de diabo divinal que amaldiçoa as suas terras. Às vezes, disfarçado de bruxa, parte os seus ossos. Às vezes, em forma de fantasma, endoidece os seus parentes. Às vezes, com a forma dum monstro, parte os seus aposentos. E é, no entanto, eternamente o mesmo espectro que molesta o mesmo homem, século após século.

Não, diz ele teimosamente.

É o homem que se dirige para Albogastaðir, na charneca, século e meio depois da última vez que a quinta foi destruída. E assim que passa pelo dólmen de Gunnvör no espinhaço, cospe resmungando: Diabos me levem, a pedra não terás, sua cabra, e recusa-se a dar-lhe uma pedra.

O seu movimento é uma resposta contra a brisa, o seu andar está em conformidade com a terra irregular debaixo dos seus pés, e acompanha-o uma cadela amarela, um cão de pastoreio com o focinho delgado e cheio de pulgas, visto que muitas vezes se atira para o chão mordiscando-se com veemência, e rebola com aquele estranho e irrequieto uivar que caracteriza os cães pulgosos. É uma cadela com carência de vitaminas, pois come relva. É de igual modo óbvio que ela tem lombrigas. E o homem vira a cara contra a aragem fresca da Primavera. O Sol brilha contra crinas altivas de cavalos antigos e na aragem há um estalar de cascos há muito desaparecidos.

São cavalos de tempos passados nos caminhos calcados na margem do rio, século após século, geração após geração, e ainda se viaja por ali, e ele segue, audaz, andando com a sua cadela, o mais recente proprietário das terras, o pioneiro islandês em trigésimo grau; parado no caminho dos séculos, percorre com o olhar o seu vale sob o sol da Primavera.

Neste instante, a cadela aproxima-se saudando-o. Enfia o focinho delgado na rija mãozorra dele, deixando-o encostado aí por uns momentos, e continua a abanar a cauda e o corpo todo, e o homem olha, por uns momentos, com ar filosófico para o bicho. Perante a submissão do seu cão sente que o seu poder lhe enche o peito, e de repente apercebe-se do sonho mais alto da natureza humana, tal como acontece ao general quando, ao revistar as suas tropas, sabe que estão prontas a atacar. Passam-se alguns momentos e a cadela está deitada na relva murcha na margem do rio à sua frente, interrogando-o com o olhar, e ele responde: Sim, aquilo que o homem procurar, encontrará junto do seu cão.

Continua a falar sobre isso sozinho em voz alta depois de se desviar da estrada para o prado em direcção ao curral no campo, repetindo sob diversas formas: Aquilo que o cão procura, encontrará no homem; procurai e encontrareis. Baixa-se e apalpa com os seus dedos grossos a relva do charco, medindo-a desse modo, arranca uma mão-cheia de erva encharcada, sacode a terra contra as suas calças e enfia a erva na boca como se fosse uma ovelha, e enquanto mastiga pensa, e começa a pensar como uma ovelha. Tem um sabor amargo, mas não a deita fora, ao mastigar dá estalidos com os lábios e sente o sabor da raiz na sua faringe. Esta coisa tem salvo muitas vidas a seguir a Invernos rigorosos e de pouco feno, contém uma espécie de mel embora tenha um sabor amargo. É precisamente esta erva nova do charco que dá vida à ovelha na Primavera; e a ovelha dá vida ao homem no Outono. E o sujeito continua a falar da erva encharcada e a confundi-la com a filosofia nas suas múltiplas variantes, até chegar à casa, ao curral no campo.

Põe-se em pé no cimo do monte, no ponto mais alto, como um *viking* que acaba de encontrar as colunas da sua poltrona, e olha à sua volta, enquanto alivia a bexiga, primeiro para o norte em direcção à montanha, depois para o Oeste por cima das extensões

pantanosas e do lago e do rio que flui suavemente do lago através do prado, depois sobre as charnecas a sul, onde as Montanhas Azuis, ainda cobertas de neve, cercam o horizonte como que em reflexão profunda. E o Sol brilha no céu limpo.

A sul do monte estão duas ovelhas de Rauðsmýri e pastam a relva do campo. E embora pertençam as ovelhas ao seu patrão, ele afugenta-as e pela primeira vez manda-as sair do seu próprio terreno: Esta terra é minha.

Mas depois é como se ficasse com remorsos, talvez a terra não tenha sido paga totalmente, não deixa a cadela perseguir as ovelhas e dá-lhe uns raspanetes. E continua a contemplar o mundo a partir do seu pedaço de terra, aquele mundo que acaba de adquirir. O Verão está precisamente a erguer-se sobre este mundo.

É por esta razão que ele diz para a cadela:

Não faz sentido nenhum que esta quinta se chame Casas de Inverno, isso não é nenhum nome. E Albogastaðir, na charneca, também não é nome algum, é tal qual uma das fábulas do velho papado. Diabos me levem, quero lá ter na minha quinta o tipo de nomes que estão ligados aos espectros do passado. Eu chamo-me Bjartur, que significa resplandecente. Por isso a quinta chamar-se-á Casas de Verão.

E Bjartur, das Casas de Verão, passeia pelo seu próprio terreno, inspecciona as ruínas cobertas de relva, verifica as pedras dos muros do curral, na sua mente deita abaixo e volta a construir uma quinta igual àquela em que nasceu e cresceu a leste da charneca.

Nem tudo depende do tamanho, diz ele em voz alta para a cadela, como se desconfiasse que ela ambicionava mais. Dou-te a minha palavra de honra, a liberdade vale mais que a altura do pé-direito, pois foram dezoito anos de trabalho árduo para a alcançar. O homem que possui a sua própria terra é um homem independente. Ninguém manda nele. Se conseguir criar as minhas próprias ovelhas e pagar o que devo todos os anos, então cumpro o meu dever; e tenho as minhas ovelhas salvas-guardadas. Não, é da liberdade que estamos todos à procura neste país, minha *Títla*. Aquele que paga a tempo e horas é rei. Aquele que mantém vivas as suas ovelhas vive num palácio.

E quando a cadela ouve estas palavras, fica também feliz. A partir de agora nada os pode assombrar. Ela começa a correr em volta dele ladrando com leviandade, imobiliza-se envergonhada com o focinho

junto da terra e apontado na direção dele; no mesmo instante levanta-se de novo e corre em círculos.

Juizinho, diz ele com um ar sério, nada de brincadeiras aqui. Será que eu ando a correr em círculos e a ladrar? Ou a deitar-me, enfiando o focinho na terra, com um olhar malandro e a apontar para as pessoas? Não, comprei a um preço demasiado alto a minha independência; dezoito anos ao governador de Rauðsmýri e à poetisa, além de Íngólfur Arnarson Jónsson, que, segundo dizem, vai ser enviado para a Dinamarca. Ou teriam sido só passeatas que eu fazia quando passava os montes do Sul a pente fino em busca das ovelhas deles, mesmo depois da chegada do Inverno? Não; e fiquei enterrado na neve. E não foi graças àquela gente, boa gente, que na manhã seguinte consegui rastejar para fora com vida.

Com esta chamada de atenção o bicho acalmou consideravelmente, sentou-se e começou a morder-se.

Mas ninguém poderá dizer que me arrependi de ter dado aqueles passos todos, pois paguei, como fora estipulado, a primeira prestação da quinta atempadamente na manhã do Domingo de Páscoa. E vinte e cinco são as ovelhas que tenho, tosquiadas e paridas, e muitos há que começaram com menos, e ainda mais que toda a vida foram escravos dos outros sem nunca se tornarem proprietários. O meu pai viveu até aos oitenta anos sem conseguir libertar-se do empréstimo de saúde no valor de duzentas coroas que devia à paróquia desde a adolescência.

A cadela olha por uns instantes para ele com ar incrédulo, como se não acreditasse naquilo, pensa em ladrar mas não o faz, limita-se apenas a abrir o focinho num longo bocejo, como uma pergunta.

Bem, não admira que tu não compreendas estas coisas, diz o homem. Os cães são umas míseras criaturas, mas mesmo assim os humanos conseguem ser mais miseráveis. Seja como for, penso que as coisas podiam ser piores, se a minha Rósa servisse aos que tomaram conta do seu lar durante vinte e três anos aqui em Casas de Verão as ossadas de um cavalo velho na noite da consoada, como a poetisa de Rauðsmýri fazia.

A cadela já voltara a morder-se com veemência.

Pois não admira que este cão de guarda esteja pulguento e coma relva, quando ao longo de mais de vinte anos nem sequer deixaram a governanta ver a chave da dispensa. E os cavalos que o governador deixa ao relento no Inverno, esses teriam histórias para contar se

soltassem o freio das suas línguas, pobres criaturas, para não falar nas ovelhas; para elas tem sido uma batalha perpétua todos estes anos, e é deveras um benefício para muitos que a ovelha não tenha um assento no tribunal do céu, coitadinha.

Da montanha corria o riacho, que pertencia à quinta, em linha recta para o curral, depois virava para leste num semicírculo pelo monte para poder seguir o seu percurso até ao Prado. Havia duas quedas de água à altura dos joelhos e dois poços com a mesma profundidade. No fundo havia pedregulhos, seixos e areia. O riacho corria em várias curvas. Cada curva tinha um tom específico, mas em nenhuma havia um tom sombrio, era um riacho alegre e amante da música como a juventude, com várias cordas tocava os seus acordes sem se preocupar com audiências, e despreocupado mesmo se ninguém o tivesse ouvido durante cem anos, como o verdadeiro poeta. O homem inspeccionou isso tudo minuciosamente, parou junto da queda mais ao cimo e disse: Aqui podem lavar-se peúgas e palmilhas; junto da queda mais abaixo disse: Aqui pode pôr-se o peixe seco a demolhar. O cão esticou o focinho para dentro da água e bebericou. O homem deitou-se também esticado na margem, bebeu, e um pouco de água entrou-lhe pelas narinas acima. Esta água é excelente, diz Bjartur de Casas de Verão, e olhou para a cadela enquanto limpava a sua face na manga.

Estou em crer que é água benzida.

Às tantas passou-lhe pela cabeça que com esta observação estaria a tornar-se vulnerável perante as forças ocultas, pelo que de repente se virou na brisa primaveril, deu uma volta completa e falou em todas as direcções: Não é isso que importa, cá por mim a água podia bem não ser benta: de ti não tenho medo, Gunnvör. Difícil será para ti enfrentar a minha boa fortuna, sua maldita; fantasmas não me metem medo, cerrou os punhos, lançou um olhar aguçado, tanto em direcção à fenda na montanha como para leste, para o espinhaço, e para sul, para o lago, e continuava a resmungar algumas palavras de desafio ao estilo das sagas⁴, jamais assim será!

A cadela saltou e correu desenfreadamente até às ovelhas junto do curral e começou a morder-lhes os jarretes, pois pensava que

⁴ As sagas são histórias em prosa que relatam acontecimentos ocorridos na Islândia nos séculos X e XI e estão relacionadas essencialmente com desavenças familiares e lutas entre chefes de clãs. [N. T.]

o homem estava furioso, ao passo que ele estava apenas repleto do espírito da modernidade e decidido a ser um homem livre na sua própria terra, um homem independente como outras gerações que aqui se instalaram antes dele.

Kólumkilli! proferiu e lançou uma gargalhada de desprezo depois de ter ralhado com a cadela: Era o que mais faltava, foi algum linguarudo que andou a contar mentiras às velhas.

3

O casamento

Na altura do pastoreio as boas ervas deste país brotam com rapidez, até a relva das planícies pede para ser cortada com a gadanha. As ovelhas ficam carnudas junto dos ossos e erguem as suas cabeças, mas os crânios inexpressivos dos esqueletos dos mortos no prado continuam enterrados no relvado. Sim, assim dá gosto viver, e chegou a hora de pensar em casamento: pois nas velhas ruínas todos os ninhos dos ratos foram exterminados e uma nova quinta já foi construída. É a quinta de Bjartur de Casas de Verão. Pedras foram acarretadas, terra remexida, turfas cortadas, madeira trazida, paredes erguidas, caixilharia construída, traves colocadas, tábuas pregadas para a cobertura, o telhado coberto de relva, aparelhos rebocados e encaixados, chaminé colocada, e ali está erguida a quinta como se fosse parte da própria natureza.

Numa propriedade semelhante mais adentro neste vale, Niðurkot, casa dos pais da noiva, foi celebrado o casamento, e os convidados vieram de casas idênticas, que ficam no início das montanhas ou abrigadas a sul do espinhaço. Através dos terrenos corre um pequeno riacho, mais além planaltos encharcados, e por aí corre um rio calmo.

Quando se vai dum sítio para outro, nada parece mais provável do que as quintas terem todas o mesmo nome e que o mesmo homem habite nelas todas, tal como a mesma mulher. No entanto, não é assim. Por exemplo, durante anos o sonho do velho Þórður de Niðurkot tinha sido construir um pequeno moinho na margem do seu riacho, pois nele existia um pouco de corrente. Assim sendo, moía cevada para as pessoas e ganhava algum, mas na altura

em que acabou de construir o moinho deixaram de importar cereais para moagem, pois as pessoas preferiam cereais já moídos. Os filhos do casal brincavam ao pé do moinho naqueles dias primaveris da juventude em que a noite era inexistente. Naquele tempo o céu era azul, jamais o esqueceriam enquanto fossem vivos.

Eram sete filhos e foram-se embora para lugares remotos, dois morreram afogados num oceano distante, filha e filho desapareceram num país ainda mais distante, no continente americano, que fica ainda mais longe que a morte, embora talvez nenhuma distância seja maior do que aquela que dentro do mesmo país separa familiares pobres: duas filhas casaram-se em vilas piscatórias, uma delas enviuvou e tem uma catrefada de filhos, a outra vive da assistência social, casou-se com um tuberculoso; que vida é a dos humanos?

A filha mais nova, Rósa, tinha ficado mais tempo em casa, mas por fim foi servir na residência do governador em Rauðsmýri. Nessa altura não viviam outras pessoas na quinta excepto o casal idoso e com eles uma velha, e ainda um homem de oitenta anos, um indigente. E hoje iam casar Rósa, era isto que ela tinha alcançado. Amanhã Rósa ia-se embora de uma vez por todas. E o moinho continua à beira do riacho. É assim a vida da gente.

Embora Bjartur tivesse, a partir da adolescência, vivido a sua vida numa grande herdade, relacionava-se mais com os agricultores que viviam na periferia do vale, pastores como ele, homens que para poderem criar o seu gado lutavam arduamente todos os dias do ano até morrerem, sem alguma vez terem entrado em negociatas ou obtido lucro fácil. Alguns deles chegaram ao nível cultural de conseguirem construir em madeira um sótão em forma de caixa, coberto com chapa em ferro, mas tais aposentos são focos de humidade e correntes de ar, as correntes originam dores reumáticas, e a humidade propaga a tuberculose. A maioria deles achava-se com sorte se conseguia reconstruir de cinco em cinco anos nas suas casas uma parede ou outra, de pedra e turfa, embora sonhassem mais alto. Mas dentro de cada quinta habita um sonho sobre algo melhor, e durante mil anos homens imaginaram que conseguiriam sair da crise de um modo misterioso e seriam proprietários duma herdade e se tornariam grandes agricultores, é este o eterno sonho. Alguns crêem que só se realizará no céu.

Viviam para as suas ovelhas e negociavam em Fjörður, com a mercearia Bruni de Túliníus Jensen. Todos excepto o governador,

que negociava em Vík, onde ele próprio estipulava o preço das suas ovelhas, e as pessoas diziam que ele era capaz de ter uma parte desse mesmo negócio em Vík.

Aliás, era visto como sinal de prosperidade fazer parte dos registos da mercearia Bruni. De facto, a partir daí as pessoas não viam o dinheiro; mas era praticamente certo que iam sobrevivendo debaixo das suas asas protectoras e podiam obter farinha de centeio, peixe de refugo e café de cevada para criarem os seus filhos, pelo menos aqueles que não morressem (os outros eram esquecidos), pois era hábito comerem só uma refeição por dia na Primavera. Se simpatizava com os indivíduos, a mercearia Bruni até os ajudava a comprar o terreno, por assim dizer, do qual depois ficavam donos, pelo menos de nome, e eram intitulados proprietários independentes nas declarações dos impostos e nas contribuições paroquiais, e depois de estarem mortos constavam nos registos da igreja para os estudos dos genealogistas.

Esses homens não tinham espírito de subserviência e não se viam como parte dum grupo. Viviam por sua própria conta, a independência era a sua mais-valia, eram homens do empreendimento individual, e citavam as sagas e as rimas caso estivessem a beber aguardente. Eram homens de combate, perseverantes, que não tinham medo de enfrentar quaisquer adversidades físicas, nem mesmo a de passar fome com as suas famílias durante as derradeiras semanas do Inverno. Mas também não eram homens materialistas, desprovidos de espiritualidade, tinham Deus nas suas barrigas; antes sabiam de cor muitos versos livres e alguns exigiam invulgar habilidade para serem recitados, uns e outros até conseguiam improvisar quadras que falavam dos vizinhos ou das dificuldades pessoais, ou dos perigos da vida, da natureza, ou da esperança de que melhores dias viriam no céu, e sim, até sobre o amor (versos lascivos). Bjartur fazia parte desses poetas. Também sabiam muitas histórias acerca de estranhos homens ou mulheres, geralmente idiotas, e narrativas sobre pastores excêntricos. Eles próprios tinham tido a sorte de ser seguidores dum excêntrico sacerdote, que não era idiota nem impostor, e desse seu reverendo Guðmundur tinham muitas e boas histórias para contar. Além do mais, este pastor merecia a sua especial gratidão por ter trazido com ele para a freguesia uma excelente raça de ovelhas, à qual deram o nome de «raça do reverendo guðmundur». E embora

o pastor nunca se cansasse de pregar contra a ovelha e de caluniar esta espécie animal, por considerar que ela afastava os corações dos homens de Deus, todavia, com os seus carneiros, tinha dado aos agricultores de longe a melhor ajuda que alguém jamais poderia oferecer a outrem, pois esses animais eram carnudos e robustos, ainda que não fossem muito grandes. Por isto os agricultores tinham respeito pelo reverendo e perdoavam-lhe mais que a outros homens.

Mas, na opinião do reverendo, não era só a ovelha que perturbava o pensamento correcto dos seus paroquianos, desviando os seus corações de Deus e da salvação que só pode vir através d'Ele. Sob semelhantes acusações estava também a famosa poetisa, a anfitriã de Rauðsmýri, que muitos achavam mais apropriado apelidar de *madame*. Agora a história centrar-se-á nela.

Esta senhora era a filha dum armador em Vík e tinha estudado no Colégio Feminino dessa cidade. De acordo com as suas próprias palavras, tinha casado com o governador Jón simplesmente devido ao seu interesse pela vida tranquila do campo, mas essa tranquilidade ficara ela a conhecê-la na casa dos pais através de literatura estrangeira, especialmente a de Bjornstene Bjornson, e posteriormente no Colégio Feminino. Quando, pela primeira vez, estava à espera de bebé, Íngólfur Arnarson⁵ apareceu-lhe num sonho, tecendo elogios sobre a vida no campo, e pediu-lhe que a criança ficasse com o nome dele.

Ela tinha entrado com um dote de cem centenas de terras e mais tarde forneceu o mesmo valor em numerário, depois de ter recebido a herança. Amava mais do que tudo os agricultores deste vale e nunca perdeu uma única oportunidade para os convencer dos benefícios da vida tranquila do campo e da felicidade que existe em viver e morrer numa quinta. Dela emanava uma espiritual luz solar pelo distrito fora, era a fundadora e presidente da Comissão das Mulheres, escrevia artigos e poemas para os jornais do Sul sobre os benefícios da tranquilidade campestre e da inerente saúde para o corpo e a alma dos que possuíam quintas. Considerava os labores domésticos como a única indústria que tinha o direito a existir na Islândia e dedicava-se ao tear com muito engenho. Por conseguinte, foi enviada como representante ao congresso nacional das Comissões de Mulheres na capital, onde se discutiam

⁵ Íngólfur Arnarson foi o primeiro colonizador da Islândia. [N. T.]

lavrões domésticos e outros valores éticos que a tranquilidade campestre gera e que conseguiriam salvar a nação da situação em que se encontrava nestes tempos difíceis. Uma mulher assim sabia apreciar a beleza da variação das estações e das Montanhas Azuis quando estava sentada ao pé da sua janela em Rauðsmýri, e também sabia como falar dessa beleza em assembleias, falava dela com tão grande sentimento quanto os excursionistas dos seus passeios de Verão. O trabalho ao ar livre na natureza era, na sua perspectiva, como um exercício físico saudável no meio da indescritível beleza do país, e além do mais ela invejava os pequenos agricultores por não terem grandes preocupações. Também tinham tão poucas despesas. Enquanto o marido se tinha enchido de dívidas por causa de grandiosas construções, melhoramentos nos terrenos, utensílios agrícolas, para não falar na manutenção de pessoal nestes tempos difíceis, os agricultores do vale só precisavam de se levantar de manhã uma hora mais cedo e à noite terminar o trabalho uma hora mais tarde para poderem tornar-se perfeitamente felizes. As pessoas ricas nunca são felizes, mas pessoas pobres são, quase sem excepção, felizes.

Cada vez que um homem pobre se casava e começava uma vida agrícola no vale, ela casava ao mesmo tempo nos seus pensamentos. Emprestava uma tenda grande para os festejos da boda, para que assim se pudesse beber café e discursar de modo abrigado.

Os agricultores ficavam de pé em frente à porta ou encostavam-se junto à parede, fungavam rapé pelo nariz fazendo grandes caretas e falando com o noivo sobre invariáveis assuntos primaveris, com ênfase nas várias enfermidades das ovelhas. Durante anos a ténia fora um dos principais inimigos da nação, mas com a crescente evolução na higiene canina este terrível visitante teve de renunciar. Contudo, nos últimos anos começara a emergir nas ovelhas um novo verme, não menos patriótico que o mais antigo, que era o verme pulmonar. E embora a ténia nunca deixasse completamente de ser um objecto apropriado para discussão, aumentava o número das primaveras em que ela tinha de ceder o lugar ao novo verme.

Tenho sempre acreditado, disse Þórir de Gilteigur, que, desde que se consiga mantê-los limpos de parasitas durante o Inverno, não há razões para ter medo. Mesmo que os vermes saiam pelas narinas, penso que não há nada a recear, desde que o estômago

esteja limpo. E desde que o estômago esteja limpo, podem, sem dó nem piedade, muito bem aguentar os rebentos da Primavera. Mas é muito provável que eu, neste caso, esteja enganado, como em muitos outros.

Não, disse o noivo. Semelhante experiência teve também Þórarinn de Urðarsel, que, segundo dizem, está à beira da morte: ele era um gênio a lidar com lombrigas. No que diz respeito aos cordeiros, tinha grande fé no tabaco para mascar. Lembro-me de me dizer naquele ano em que fiquei hospedado em sua casa que havia Invernos em que ele dava aos seus cordeiros até um quarto do mais forte, e dizia que antes pouparia no café em casa, para não mencionar o açúcar, do que privaria os cordeiros do tabaco.

Bem, na verdade nunca me consideraram um grande agricultor, comentou Einar de Undirhlíð, compositor de salmos e poesia alusiva ao distrito, pois tenho reparado que aqueles que mais se preocupam com o alimento são aqueles que menos prosperam, é como se o destino se encarregasse de escarnecer desses em especial. Mas se eu tivesse de dar a minha opinião, de acordo com a minha própria percepção, então considero que se a ração não conseguir manter os vermes afastados das crias, então muito menos o faz o tabaco de mascar. É provável que tal tabaco possa ajudar em algum aspecto quando a situação estiver fora de controlo. Mas, bem vistas as coisas, tabaco de mascar não é mais que tabaco, e ração é ração.

De facto, essas palavras são uma grande verdade, disse Ólafur de Ystidalur, homem de fala acelerada e de voz um pouco estridente, ração é sempre ração. Mas não obstante existem diferenças, há ração e ração, e qualquer um deveria aperceber-se disso, visto que até os veterinários o têm dito, vezes sem conta, nos jornais. E é certamente de crer que alguma ração já contém escondido o malvado micróbio que engendra os vermes. Micróbios são decerto sempre micróbios, e não há nenhum verme que se desenvolva sem um micróbio, isto penso eu que qualquer um pode ver por si. E onde estará, então, o micróbio no início senão contido na ração, pergunto?

Isso não sei, eu já não digo mais nada, disse Þórir de Gilteigur. Uma pessoa esforça-se por escolher bem a ração para os animais; e esforça-se por ensinar os valores cristãos às crianças. É impossível dizer donde vêm as origens do verme, não do reino animal nem da sociedade humana.

Entretanto as mulheres estavam sentadas lá dentro, precisamente a sussurrar umas com as outras sobre Steinka de Gilteigur, que supostamente tomava conta do seu pai. É que ela tinha tido um bebê na semana anterior, e algumas das mulheres tinham-se oferecido para ajudar lá em casa por essa ocasião, o que era uma prática corrente quando alguém tinha um filho ilegítimo: nessa altura todas querem ajudar, pelo menos durante a primeira semana, enquanto ninguém sabe a paternidade do bebê. Ela tinha passado um mau bocado, coitadinha, e o bebê não estava bem de saúde, ainda não era certo se iria sobreviver. Mas aos poucos a conversa das mulheres girava em torno das suas próprias gravidezes e dos contágios e doenças dos filhos em geral, era como se a nação estivesse destituída de saúde nestes tempos, e no entanto não se vislumbravam nenhuma epidemias de maior, como a varíola e a peste negra noutros tempos, apenas aquelas intermináveis enfermidades: dores de dentes, erupções cutâneas, inchaço nas articulações, angina de peito, tosse convulsa, muitas vezes com mucosidade, uma dor constante nos pulmões e a garganta irritada, para não falar daqueles estranhos ruídos com gases dentro do estômago; no entanto, talvez não exista doença tão pertinaz e fatal para o corpo e a alma como os nervos.

A anfitriã de Rauðsmýri fugiu ali de dentro e foi lá para fora, para o átrio, juntar-se aos homens. Mas quando ouviu o tema da conversa, pediu então que parassem com aquela cavaqueira, e não estava para brincadeiras, pois era uma mulher possante, com cara larga e óculos, de aspecto soberbo, não muito diferente das fotografias do Papa. Assim pediu-lhes que comesçassem a falar de assuntos que estivessem mais em harmonia com aquele maravilhoso dia primaveril e apontou para as queridas Montanhas Azuis e o céu límpido por cima deles, os prados que agora estavam a ficar verdes. Aqui estão, pelo menos, dois poetas famosos no distrito, e o primeiro famoso a considerar será o próprio noivo, e a seguir Einar de Undirhlíð. E ali está Ólafur de Ystidalur, que ama teorias científicas e é membro da Associação Amigos da Pátria. Certamente algo de bonito vos terá ocorrido quando envolvidos pela querida natureza na Primavera.

Mas aqueles poetas nunca se mostravam tão relutantes em declamar as suas obras como na presença de tal mulher, porque, apesar da sua afável prontidão em admitir a sua amizade para com eles e da admiração que sentia pelas suas condições, ela tinha um sorriso muito frio,

a ponto de acharem que entre eles e ela havia um oceano impossível de atravessar. Estavam os dois muito longe da senhora de Rauðsmýri e da sua maneira de pensar. Esta senhora apreciava os grandes poetas mundiais e não conseguia admirar suficientemente a beleza desta vida, tinha grande fé no Deus que a governava e considerava que Ele habitava em todas as coisas e que a função do homem era somente a de apoiá-Lo e ajudá-Lo na bonança e na tempestade; ignorava as notícias sobre a vida no além. Tal maneira de pensar considerava-a o reverendo manifestamente pagã. Einar de Undirhlíð era, por sua vez, crítico do mundo, e geralmente escrevia sobre os homens quando morriam, e buscava conforto junto da fé cristã, que ele pressupunha ser mais favorável aos agricultores numa outra vida do que nesta. Porém, o reverendo proibiu que cantassem as suas elegias nos funerais, por achar impróprio que uns simples agricultores, iletrados em teologia, competissem em pé de igualdade com os consagrados salmistas da nação. Bjartur, por sua vez, era adepto do espírito antigo da nação tal como é relatado nas rimas e tinha uma predileção especial por aqueles que acreditavam nas suas próprias forças e capacidades, assim como Bernótus Borneyjarkappi, os Vikings de Jóm e outros génios antigos, e não considerava digno chamar poesia àquilo que se escrevia e que não fosse pelo menos em quadras livres. Naquele mesmo instante chegou o reverendo. Desceu do cavalo suspirando, era um homem de grande porte, cara azulada, cabelo grisalho, resmungão nas suas respostas e nunca estava de acordo com ninguém, e para não ajudar avistou em primeiro lugar a poetisa.

Eu não vejo para que me arrastaram até aqui, disse ele. Estão reunidas aqui pessoas que sabem, sem dúvida, pregar melhor do que eu.

Bem, respondeu Bjartur sorrindo ironicamente, e tomou conta dos cavalos dele, pensámos que seria mais simpático oficializar o amor.

Amor o quê, resmungou o pastor enquanto a passo largo atravessava o pátio em direção à entrada da casa. Queria o seu café antes de começar a cerimónia, pois estava com pressa, era sábado, ainda tinha uma criança para baptizar antes do anoitecer e ainda por cima faltava ir visitar uma paróquia a norte da charneca de Sandgil; não digo nem uma palavra mais do que o que está escrito no ritual, penso que já me queimei o suficiente com estas homilias

matrimoniais, as pessoas atiram-se para esse acto precipitadamente sem terem a mínima ideia do carinho de que um casamento cristão precisa, e depois onde acaba isto? Doze casais uni eu, que recebem da assistência paroquial, e é suposto estarmos a predicar para esse género de pessoas. Baixou-se para não bater no lintel da porta e desapareceu para dentro.

Pouco tempo depois, a esposa do governador acompanhou até à tenda, de mão dada, a noiva, cabisbaixa, que vestia uma camisola de lã, com uma perplexidade dúbia num dos olhos. As mulheres vieram a seguir, depois os homens e os cães, e por fim o reverendo, de batina enrodilhada, acabadinho de beber o seu café. Rósa de Niðurkot tinha seis mais vinte anos quando se casou, cara rechonchuda, era de poucas palavras e um pouco estrábica, coradas as maçãs do rosto, roliça, mas não muito alta. Continuou a olhar para baixo para o seu avental. Junto da vara interior da tenda estava uma mesa pequena, era o altar, atrás do qual parou o pastor e começou a folhear o livro.

Ninguém disse nada, somente os coristas murmuraram algo entre si, algumas vozes roucas e dissonantes cantarolaram o salmo matrimonial em vários tons, num tempo desigual, tão bom e belo e maravilhoso é, as mulheres limpavam as lágrimas dos olhos, o reverendo enfiou a mão dentro da batina, arrastou para fora o seu relógio e deu-lhe corda à frente dos noivos. Depois casou-os conforme o livro. Em seguida não se cantou salmo nenhum, tendo o reverendo apenas desejado felicidades aos noivos de acordo com as regras protocolares e perguntado ao noivo sobre a sua cavalgadura, se alguém a tinha preparado, porque ele já não tinha tempo a perder. Bjartur correu aliviado em busca dos cavalos, entretanto as mulheres cercavam a noiva para poderem beijá-la. Chegou entretanto a altura de preparar o café.

Mesas e bancos foram colocados, e os convidados fizeram o favor de se sentar, a esposa do governador sentou-se ao lado dos noivos, visto que o pastor já desaparecera, e foram trazidos para as mesas pratos cheios de *kleinur*⁶ enormes e bolo de passas, e os homens continuaram a fungar rapé e falar do gado. Logo chegou o café.

O festim estava até ver um pouco apático, e as pessoas emborcavam com lealdade cada uma cerca de quatro e até oito chávenas de café, aqui e acolá trincavam as pevides das sultanas.

6 Bolo típico islandês, em forma de laço e parecido com coscorões. [N. T.]

O café, não estejam à espera, disse Bjartur irradiando hospitalidade, e não tenham medo daqueles pastéis!

Por fim, já ninguém tinha vontade de mais café. Lá fora ouvia-se o maçarico-real a chilrear, também agora era o tempo dele. Nesse momento a senhora de Rauðsmýri, a poetisa, levantou-se, a cara dela brilhava por cima do grupo e, majestosa na sua dignidade papal, meteu a mão dentro do bolso da sua saia e tirou de lá umas poucas folhas escritas.

Declarou que não podia passar sem dizer umas palavras nesta ocasião tão solene que unia dois corações naquele lugar. Competia, de facto, a outros e não a ela deixar que a luz iluminasse este casal novo, que agora caminhava para a vida a fim de cumprir o seu dever para com a pátria, o dever mais bonito que se pode cumprir em prol da pátria, e de Deus. Mas é como na parábola antiga: tendem a falhar aqueles que são chamados, e apresentam várias justificações, e portanto achou que não tinha alternativa senão fazer um pequeno discurso como qualquer outra pessoa, não conseguiu conter-se, estes noivos eram até um certo ponto seus filhos, uma parte de si própria, tinham servido com lealdade a sua casa, o noivo durante dezoito anos, para não dizer mais, de modo que ela não tolerava saber que eles iriam iniciar a caminhada pela via sacra da vida sem que lhes fossem ditas algumas palavras de encorajamento e de ânimo. Afirmou que nascera com aquele estigma de nunca deixar de aproveitar qualquer oportunidade que surgisse para louvar o valor do ofício dos agricultores, ela própria fora, na verdade, educada numa cidade pequena, mas o destino quisera que se tornasse esposa de um agricultor, e disse que disto certamente não se arrependia, pois a natureza é a sublime criação de Deus, e a vida que se leva em contacto com a natureza é a perfeita, e em comparação com ela qualquer outra vida é frívola e efémera.

Os habitantes das cidades, dizia a senhora, não tinham nenhuma ideia sobre a paz que a mãe natureza oferece, e enquanto tal paz não for encontrada, o espírito é saciado com novidades efémeras. Nada é mais natural do que isso: moldar os homens inconstantes e estouvados, que pensam mais no aspecto físico e na roupa, e encontram satisfação momentânea numa moda imbecil e noutras inovações inúteis. Mas o homem do campo sai para os prados verdejantes e para o ar límpido e puro, e assim que aquele o inspira, sente

uma desconhecida força vital a fluir pelo corpo e o espírito. A paz que reina na natureza tem subjacente um efeito calmante e alegre a disposição, a relva verdejante brilhantemente tecida com flores debaixo dos pés evoca uma sensação de beleza, quase de reverência, é cómodo repousar nela, o cheiro é aromatizante, a serenidade reconfortante. As encostas, os vales, as quedas de água e as montanhas tornam-se amigos de infância jamais esquecidos. São majestosas e impressionantes algumas das nossas montanhas. Poucas são as coisas que influenciaram tão profundamente os corações como a sua aparência pura e altiva. Elas proporcionam-nos abrigo nos seus vales e ao mesmo tempo aconselham-nos a dar também abrigo a todos aqueles que são mais baixos e mais fracos do que nós. Onde, perguntou a poetisa, se encontrará tranquilidade mais reconfortante do que nos tranquilos vales floridos das montanhas, onde as flores, aqueles olhos angélicos, se me permitem a expressão, apontam para o céu e convidam os homens a ajoelhar-se diante do Todo-Poderoso, da beleza, da sabedoria e do amor?

Sim, na verdade tudo isto é poderoso e de vasto âmbito.

A senhora disse que era um privilégio inestimável receber tais influências.

Na Idade Média, disse ela, era considerado nobre defender os desfavorecidos. Porque é que não havia de ser assim ainda? Desfavorecidos no seu entender eram todos aqueles que são mais fracos do que nós e precisam de encontrar abrigo sob a nossa protecção. Receber ordens ou tratar de gado durante o Inverno é trabalho digno. E quando profiro estas palavras, elas vêm acompanhadas de numerosos agradecimentos a ti, Bjartur, pelas nossas ovelhas em Útiraudsmýri. Um papel grande e digno foi o que tu desempenhaste no nosso lar como caseiro. Deves amar o pastor como o teu próprio sangue, está escrito numa velha rima.

O caseiro levanta-se de manhã cedo e sai para o frio para vistoriar os mudos animais nos estábulos. Mas não se queixa, disse ela. A compaixão move-o a continuar. O vento gélido fá-lo forte e rijo. Encontra uma força dentro de si que antes não conhecia. Desperta nele um temperamento heróico na luta contra o vento, um calor emana do fundo do coração quando pensa no esforço feito em nome dos sem-abrigo. Assim é a beleza da vida no campo. É a melhor instituição educacional da nação. E os agricultores acarretam a cultura

campestre sobre os seus ombros. Junto deles assenta num lugar de honra a austeridade prudente, a bênção deste país e do povo.

A poetisa leu o seu discurso com fervor e força convincente, ao qual se acrescentava o calor dentro da tenda, o suor brotava da sua testa larga e corria-lhe pelas bochechas proeminentes abaixo; pegou no seu lenço e limpou a cara. Em seguida continuou:

Não sei se vocês são conhecedores das convicções religiosas dos persas.

Essa raça acreditava que o deus da luz e o deus da escuridão estavam constantemente em combate, e que aos homens competia apoiar a luz e o seu deus na luta, cultivando os campos e trabalhando na melhoria dos terrenos. É exactamente isto que os agricultores fazem. Estão a ajudar Deus, se assim se pode dizer, trabalham com Deus no cultivo de plantas, animais e homens. Trabalho mais nobre não existe aqui na terra. Por isso gostaria de dirigir estas palavras a todos os homens do campo, e em primeiro lugar ao nosso noivo de hoje:

Vocês, homens da terra, que frequentemente vivem dias de grande azáfama e pouco descanso, tenham em mente quão boa e nobre tarefa estão a executar. O vosso labor na terra é uma colaboração com o próprio Criador, e ele tem apreço por vós.

E nunca se esqueçam de que é Ele quem dá o fruto.

Depois seguiu-se o momento em que a senhora queria dirigir algumas palavras a Rósa, aquela rapariga bem-educada e sossegada daqui de Niðurkot, que todos nós temos estimado tanto e tido em grande consideração durante estes dois anos em que nos ajudou em Útirauðsmýri, a nossa noiva de hoje, a futura dona de casa em Casas de Verão. A dona de casa, não é à toa que este nome respeitável foi aplicado à mulher responsável por cada lar, pois os nossos antecessores e guardiões pressentiam que ela trazia consigo o instinto maternal pelos habitantes do lar, não apenas lhes assegurando aquilo de que o corpo necessitava, mas fazendo com que o seu sentimento maternal iluminasse toda a coabitação. Mas uma coisa deve a mulher que obtém a posição respeitosa de se tornar mãe de filhos e dona do lar ter em conta, é que as obrigações são tão amplas e sublimes que trazem com elas uma bênção até à terceira e quarta linhagens, talvez mesmo até ao milésimo grau.

É complicado ser mulher e dona de casa, é complicado saber-se estar diante da função de ter de executar a maior e a melhor tarefa que existe.

Eu não duvido que muitas mulheres deverão achar uma tarefa impossível cuidar do seu lar de modo que para onde quer que se olhe haja só sorrisos radiantes; dar a cada pormenor uma força que possa envolver o coração daqueles que aí vivem numa luz angelical, compor todo o interior de uma maneira serena e livre para que de todos os pensamentos desapareça qualquer ódio e raiva e que cada um se sinta com forças para vencer os obstáculos; para que aos membros da família pareça que o próprio Deus os guia de mão dada pelas terras primaveris dos ideais infinitos; que todos se considerem limpos, livres e corajosos, encontrando a sua afinidade com Deus e o amor. Isto é indubitavelmente árduo e complicado. Mas eis o teu papel, dona de casa; a tarefa que Deus próprio te atribuiu para executares. E tens o poder de o fazer, embora mesmo tu não o saibas. Tu és capaz disso se não perderes a fé no amor que habita dentro de ti. Não apenas aquela mulher que vive no lado soalheiro da vida e que recebeu boa educação, mas também a mulher que pouco estudou e está no lado mais sombrio e vive numa pequena casa com poucos recursos, nela também habita o poder; porque a vossa descendência é a mesma: sois da família de Deus. O poder da mulher, que é capaz de erguer o seu lar até à glória da felicidade mundana, é de tal maneira grande que faz as casinhas de construção baixa e as casas de edificação forte serem iguais. Igualmente luminosas. Igualmente quentes. Esse poder é o verdadeiro igualitarismo.

Lembra-te, Rósa, que todos os dias tu provocas um movimento de ondas que se reflecte por toda a parte até aos confins da existência, despertas ondas que se fragmentam na própria eternidade. E é de grande importância se são ondas de luz que irradiam e por toda a parte trazem calor e claridade, ou então ondas de escuridão que consigo carregam miséria e infortúnio, originando a Era de Glaciares que cria um Século do Gelo no sentimento nacional.

Observa o amor na sua realização mais perfeita, no sacrificio incondicional, na sua relação com tudo o que de mais sublime e nobre existe na alma humana. Observa o poder dele sobre todas as coisas da vida que são ruins e impuras. Medita tu sobre o poder do amor que consegue transformar o casebre num palácio, que torna a pobreza num vale de rosas e o frio na terra do Verão.

Gente Independente tem lugar na Islândia, no início do século xx, numa sociedade de servidão e num país com uma natureza inclemente. É a saga de Bjartur, um homem obstinado, inquebrável e inesquecível.

Bjartur vive no limiar da auto-suficiência contando apenas com a sua obstinação e força interior, rejeitando qualquer caridade em nome da independência, valor levado ao extremo das suas consequências. Vive num vale com reputação de assombrado, só confia no seu rebanho, no seu cão e no seu cavalo. Se alguém toca o seu coração, é Ásta, a sua filha, mas tudo muda quando ela o desilude e magoa os seus enraizados princípios de honra.

Épico, trágico e belo, este é um romance que continua a comover gerações de leitores.

«*Gente Independente* é um livro que apetecerá reler sempre e que entrará no Top 10 dos "Livros da Minha Vida" de muitos leitores.»




Ípsilon

«[Bjartur] é um dos personagens mais inesquecíveis e fascinantes da história da literatura europeia: heróico, brutal, poético, teimoso, cínico e infantil.»

LER



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896231774



9 789896 231774 >